



Cadeia Pública E Universidade: Articulação Entre Ensino, Pesquisa E Extensãoⁱ

Aline Campos¹
Darlene Ribeiro da Silva²
Jhenissa da Silva Sousa³
Luciana Conceição da Silva⁴
Mônica de Sousa Costa⁵
Thátilla Ferreira Moraes⁶

13

RESUMO

Trata-se de um relato de uma experiência de aproximação entre a Cadeia Pública de Tocantinópolis e a Universidade Federal do Tocantins, no intuito de promover ações no âmbito da educação. O projeto, em desenvolvimento, tem atuado na construção do espaço educativo dentro da unidade prisional, na estruturação de uma pequena biblioteca e na promoção de oficinas de leitura e escrita, bem como de atividades de alfabetização. Todas as ações do projeto são elaboradas a partir das demandas das pessoas presas e visam contribuir tanto na formação delas, quanto das graduandas da UFT.

Palavras-chave: Extensão; Educação Em Contexto De Privação De Liberdade; Leitura E Escrita.

INTRODUÇÃO, METODOLOGIA E RELATO

O princípio da indissociabilidade do tripé ensino, pesquisa e extensão na universidade está previsto artigo 207 da constituição brasileira de 1988 e é algo posto no ambiente universitário. Entretanto, é sabido também que há um

¹ Mestre em Educação e graduada em Ciências Biológicas. Professora do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Tocantins. alinecampos@uft.edu.br. Av. Nossa Senhora de Fátima, 1588 – Centro. CEP: 77900-000, Tocantinópolis/TO – Brasil.

² Graduanda do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Tocantins. lennypeka09@gmail.com. Av. Nossa Senhora de Fátima, 1588 – Centro. CEP: 77900-000, Tocantinópolis/TO – Brasil.

³ Graduanda do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Tocantins. jhenissassousa@gmail.com. Av. Nossa Senhora de Fátima, 1588 – Centro. CEP: 77900-000, Tocantinópolis/TO – Brasil.

⁴ Graduanda do curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual do Tocantins. luciana.conceicao@uft.edu.br. Av. Nossa Senhora de Fátima, 1588 – Centro. CEP: 77900-000, Tocantinópolis/TO – Brasil.

⁵ Graduanda do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Tocantins. monicadesousacosta@mail.uft.edu.br. Av. Nossa Senhora de Fátima, 1588 – Centro. CEP: 77900-000, Tocantinópolis/TO – Brasil.

⁶ Graduanda do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Tocantins. monicadesousacosta@mail.uft.edu.br. Av. Nossa Senhora de Fátima, 1588 – Centro. CEP: 77900-000, Tocantinópolis/TO – Brasil.

desequilíbrio nesse tripé e o lado menos desenvolvido e valorizado é a extensão. Entretanto, é justamente a extensão que aproxima a instituição de ensino superior da comunidade na qual ela está inserida, abrindo-se ao público não universitário e estabelecendo uma ponte entre universidade e sociedade, que possibilita a troca de conhecimentos entre elas. É na extensão, portanto, que a universidade leva os conceitos e aprendizados desenvolvidos no espaço acadêmico para a sociedade e aprende com ela suas necessidades, modos de viver e saberes comunitários. Nessa troca, os conhecimentos – populares e acadêmicos – são socializados e democratizados.

Se entendermos a extensão como uma troca genuína entre universidade e sociedade, tal relação deve se dar de modo horizontal, no intuito de que se estabeleça uma parceria que não se encerre na extensão, podendo contribuir no fortalecimento do tripé ensino-pesquisa-extensão. Trata-se, portanto, de um movimento através do qual a universidade se coloca a serviço das necessidades da sociedade, à medida que esta também se abre como campo de pesquisa e ensino. Estabelece-se, assim, uma parceria que tem como objetivo a produção de conhecimentos que conduzam à compreensão da realidade e que contribuam para a melhoria da vida social.

Partindo dessa concepção de extensão e tendo como objeto de pesquisa a educação em contexto de privação de liberdade, nos aproximamos, enquanto representantes da Universidade Federal do Tocantins, da Cadeia Pública de Tocantinópolis. Nosso objetivo era elaborarmos, em parceria com esse espaço de privação de liberdade, uma proposta de extensão que atendesse às demandas educacionais dessa parcela da sociedade.

Antes de descrevermos o processo de construção dessa proposta e de como ela vem sendo desenvolvida é fundamental compreender que apesar da população carcerária ser indesejada socialmente, ainda assim, é constituída por seres humanos e como tal deve ser tratada. Nesse sentido, é importante destacar que na maioria dos presídios brasileiros o cotidiano é marcado por um prolongado tempo de ausência de atividades. Agravando essa situação, a dinâmica dessas instituições não tem como foco a formação do indivíduo, apenas sua adaptação, ou seja, a anulação de sua identidade. Quando há oferta de trabalho, o que se percebe é que eles estão atrelados ao esforço físico e não intelectual. Não há, portanto, finalidades pedagógicas que poderiam contribuir na formação do indivíduo, preparando-o para um melhor retorno à sociedade livre.

Se o trabalho não é uma atividade consolidada dentro das prisões, o desafio de estabelecer a educação dentro desse universo é ainda maior. As prisões ainda estão longe de serem espaços que promovam o desenvolvimento pessoal, o raciocínio crítico e a formação de pessoas socialmente responsáveis. Entretanto, a presença de educação nas prisões, além da garantia de um Direito Humano, afirma a valorização do desenvolvimento humano e da vocação natural de cada indivíduo em *ser mais* (FREIRE, 2011), constituindo-se como uma possibilidade de intervenção positiva nesta realidade em que prevalece a desumanização.

É urgente reinventar as prisões e, dentre as possibilidades de reinvenção, consideramos a entrada da sociedade livre nesses espaços. Faz-se necessário que a sociedade se aproxime desse contexto, conheça-o, participe de sua gestão e contribua para sua humanização. Nesse sentido, a entrada de profissionais da educação é uma abertura da prisão à sociedade, o

que pode contribuir para auxiliar na sua transformação, uma vez que traz para o espaço prisional, marcado historicamente pela obediência e anulação do ser, a luta pela emancipação e autonomia.

A educação em prisões pode, portanto, não apenas contribuir para a tão desejada (re)socialização futura, mas também possibilitar que a vida que acontece no tempo presente dentro das unidades prisionais seja menos desumana. Por isso, defendemos que o fortalecimento da educação nas prisões pode contribuir para a transformação, ainda que vagarosa, desse espaço, no intuito de que ela deixe de ser uma instituição marcadamente punitiva para se tornar algo mais próximo de uma instituição educativa.

Tendo como horizonte essa concepção de extensão e de educação em contexto de privação de liberdade, nós - docente e discentes da UFT - nos aproximamos da Cadeia Pública de Tocantinópolis. O intuito era verificar se haveria nesse espaço alguma possibilidade para desenvolvermos um trabalho educativo. Em virtude de experiências anteriores com outros espaços de privação de liberdade, bem como relato de outros pesquisadores dessa temática, tínhamos em vista que poderia haver resistência por parte da administração da cadeia pública em relação a nossa proposta. Felizmente, a reação da direção desta unidade foi totalmente inversa. Desde o início a direção não só se colocou aberta a nos receber, como se mostrou interessada e disposta a participar conjuntamente na construção do projeto.

Apresentamos então nossa proposta, que no momento era bastante abrangente: gostaríamos de dar início a uma parceria entre a UFT e a unidade prisional, por meio de atividades educativas que possibilitassem uma vivência formativa tanto para as pessoas em situação de privação de liberdade quanto para as graduandas da universidade. Após essa apresentação geral, iniciamos um diálogo no intuito de ouvir da direção quais as demandas e necessidades da unidade com as quais poderíamos contribuir. A leitura e escrita, associada ao crescente interesse pela remição de pena por leitura, foi a demanda a nós apresentada. Diante disso, passamos a elaborar as oficinas com caráter experimental e que tivessem como objetivo trabalhar a leitura e a escrita como experiência (BONDÍA, 2002, 2011), numa perspectiva voltada à educação libertadora proposta por Paulo Freire. Surgiu, assim, o projeto de extensão “Biblioteca e remição de pena por leitura: construindo o espaço educativo da Cadeia Pública de Tocantinópolis/TO”.

Diferente da maior parte das unidades prisionais, a Cadeia Pública de Tocantinópolis contava, nessa aproximação inicial, com uma sala destinada para possíveis atividades educativas. Era apenas o espaço físico, porém para o contexto de prisões já era muito! Iniciamos entrando na carceragem para nos apresentar, explicar nossa proposta e verificar quantos teriam interesse em participar. Dos aproximadamente 40 internos da unidade, um pouco mais da metade se manifestou interessado em participar das oficinas. Entretanto, por questões de segurança e espaço físico, não seria possível desenvolver o trabalho com esse total de pessoas. Sempre em diálogo com a direção e respeitando as orientações da unidade em relação à segurança, definimos o número de 12 participantes e coube à direção selecionar, entre os interessados, quais poderiam participar.

A primeira oficina ocorreu dia 29 de junho de 2017. Era novidade para todos e tudo ainda bastante incipiente. Alguns chegaram com algemas nas mãos, outros algemados nos pés. Não tínhamos cadeiras. Sentamos todos no

chão, em roda. Nos misturamos a eles, nos apresentamos e nos colocamos abertas a ouvi-los, interessadas em descobrir o que eles esperavam de um espaço educativo na prisão. Nas primeiras oficinas imperou a timidez, o silêncio e a resistência em expressar opinião. Nossos encontros semanais foram, gradualmente, rompendo essa barreira por meio do estabelecimento de relações de confiança, entre todas as partes. As algemas, que inicialmente permaneciam durante toda a oficina, começaram a serem retiradas logo que adentravam o espaço educativo, até que simplesmente tornaram-se desnecessárias. As vozes começaram também a ser mais pronunciadas.

Paralelamente ao desenvolvimento das oficinas, buscamos estabelecer outras parcerias. Com o apoio da Promotoria de Justiça conseguimos que a Diretoria de Ensino fornecesse carteiras, lousa e material de consumo; a prefeitura municipal fez a doação de 10 computadores e a própria promotoria conseguiu verba para pintar a sala e mandar fazer o mobiliário para alocar os computadores. Temos também obtido livros por doação e com isso temos dado início a organização de uma pequena biblioteca. Pouco a pouco tais conquistas têm se concretizado e injetam ânimo e aumentam ainda mais o envolvimento dos que fazem parte dessa construção coletiva.

Diante da realidade nacional, estamos em uma situação favorável. As diversas parcerias, e sobretudo o apoio da direção, têm contribuído demasiadamente para o bom desenvolvimento do projeto. Entretanto, certas resistências ainda se fazem presentes e se colocam como desafios. O preconceito à que está submetida a população carcerária é taxativo e os aprisiona tanto quanto a própria prisão. Considerável parcela da sociedade livre, inclusive funcionários e funcionárias do sistema prisional e da própria educação, assumem posturas e falas que evidenciam o descrédito em relação a qualquer possibilidade de mudança no comportamento das pessoas presas. Estamos diante de um grupo de pessoas socialmente indesejadas, o que não faltam são manifestações de oposição em relação as ações positivas a elas destinadas. Por isso, o desafio dessa educação é, além de contribuir no processo de emancipação e libertação, também desenvolver um trabalho que dê visibilidade à humanidade dessas pessoas temporariamente presas.

Para os que estudam e/ou conhecem a realidade da educação em contexto de privação de liberdade e, portanto, sabem dos diversos desafios que precisam ser enfrentados para que tal educação seja realizada, não fica dúvida de que a experiência aqui relatada é um caso bastante excepcional. Em pouco menos de cinco meses tivemos grandes avanços, sobretudo em relação à estrutura. A perspectiva é que, pouco a pouco, o projeto cresça ainda mais, ampliando o atendimento, tanto em termos de carga horária quanto em número de pessoas envolvidas. Tais progressos, vale dizer, só têm sido possíveis em decorrência das parcerias que foram estabelecidas e do comprometimento das alunas voluntárias da UFT com o desenvolvimento do projeto.

O enfrentamento da contradição entre a lógica da prisão - que preza pela disciplinarização dos corpos (FOUCAULT, 2009) e anulação do ser - e da lógica da educação - que preza pela emancipação e autonomia - é o grande desafio para a concretização da educação em contexto de privação de liberdade. Trata-se de um enfrentamento que a educação, sozinha, não dará conta, pois suas ações, nesse contexto, resvalam na autoridade dos espaços prisionais. Daí a imprescindível necessidade de parcerias efetivas entre essas duas instituições: educação e prisão.

Essa breve, porém exitosa, trajetória que temos percorrido têm nitidamente contribuído para o envolvimento crescente das pessoas que fazem parte desse projeto e suscitam diversos questionamentos: como a construção desse espaço educativo impacta sobre a dinâmica da cadeia pública? A participação nas oficinas tem alterado o comportamento das pessoas que dela participam ou ampliado seus horizontes de vida? Qual o impacto dessa vivência na formação das futuras educadoras que atuam como promotoras das oficinas? Essas são algumas das inquietações que instigam, mas que não podem ser precisamente respondidas, pois não puderam ainda ser devidamente sistematizadas, como preza os procedimentos de pesquisa.

Entretanto, o que vemos é a abertura real de um espaço da sociedade para as ações de ensino e extensão e o anúncio de um possível campo de pesquisa. Nesse curto período de desenvolvimento do projeto, três das cinco alunas voluntárias da UFT já deram início a seus projetos de Trabalho de Conclusão de Curso na temática da educação em contexto de encarceramento. Percebemos, assim, a articulação do tripé ensino-pesquisa-extensão, uma vez que o projeto atende a uma demanda social, coloca as estudantes de graduação em uma atividade de articulação entre a teoria e a prática ao terem que ministrar as oficinas e, por fim, as motiva a quererem compreender (pesquisar) a realidade em que estão inseridas e atuando.

Nessas reflexões advindas de nossa ação, ou seja, nessa práxis, é fundamental não cair na visão romântica de que a educação será capaz de transformar sozinha uma realidade demasiadamente complexa e paradoxal: a prisão. Porém, por meio dela, é possível resignificar o tempo de pena, fazer-se o contraponto à opressão, resistir na condição humana e reafirmar as outras identidades da pessoa presa, para além da de criminoso. Isso não é pouco!

Public Jail and University: Articulation Related To Teaching, Research and Extension

ABSTRACT

This is an experience report about the approximation between the Public Prison of Tocantinópolis and the Federal University of Tocantins, in order to promote actions in the field of education. The project, still in development, has been acting in the construction of an educational space inside the prison unit, in the structuring of a small library and in the promotion of reading and writing workshops, as well as of literacy activities. All the actions of the project are elaborated based on the demands of the prisoners and aim to contribute both to their training and to the UFT undergraduates.

Keywords: Extension; Education In The Context Of Deprivation Of Liberty; Reading And Writing.

Prisión Pública y la Universidad: Articulación con la Enseñanza, la Investigación y la Extensión

RESUMEN

Se trata de un relato de una experiencia de aproximación entre la Cárcel de Tocantinópolis y la Universidad Federal de Tocantins, con el fin de promover

acciones en el ámbito de la educación. El proyecto, en desarrollo, ha actuado en la construcción del espacio educativo dentro de la unidad prisional, en la estructuración de una pequeña biblioteca y en la promoción de talleres de lectura y escritura, así como en las actividades de alfabetización. Todas las acciones del proyecto se elaboran a partir de las demandas de las personas presas y tienen como objetivo contribuir tanto en la formación de ellas, como de las graduandas de la UFT.

Palabras clave: Extensión; Educación Em Contexto De Encierro; Lectura Y Escritura.

REFERÊNCIAS

BONDÍA, Jorge Larrosa. Experiência e alteridade em educação. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v.19, n.2, p.04-27, jul/dez, 2011.

_____. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**, nº19, p.20-28, jan/fev/mar/abril, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 50ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Raquel Ramalhete (tradução). 36ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

ⁱ Recebido em 10 de Novembro de 2017. Aceito em 11 de Dezembro de 2017.